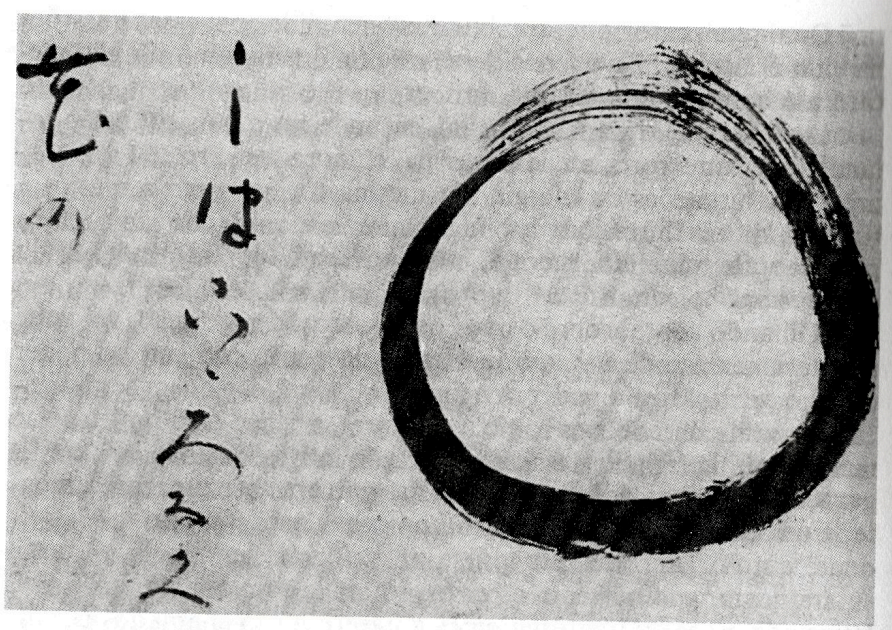


NACHMANOVITCH, Stephen. Ser criativo: o poder da improvisação na vida e na arte. São Paulo: Summus, 1993. 189p.

A Musa

O processo mental intuitivo parece funcionar de trás para a frente. As conclusões antecedem as premissas. Isso não ocorre porque os passos que ligam conclusões e premissas tenham sido omitidos, mas porque esses passos são dados pelo inconsciente.
FRANCES WICKES

Para estarmos ilimitadamente abertos aos sons, às visões e aos sentimentos no trabalho que se coloca diante de nós, precisamos ouvir a voz de nossa intuição — nossa Musa, ou nosso Gênio, como eles costumam ser chamados. Os romanos acreditavam que cada um de nós tem seu próprio ''gênio'', uma deidade familiar ou guia espiritual. Nosso gênio sente e reflete tudo o que nos cerca; transformamos a matéria, o tempo e o espaço por intermédio de nosso ser original.

A fonte da inspiração criativa tem sido representada nas mais variadas culturas na forma de uma mulher, de um homem ou de uma criança. A musa feminina é uma figura que conhecemos por meio da mitologia grega e dos poetas renascentistas. Suas raízes remontam à Mãe Terra. É a deusa da sabedoria, Sophia. Na forma masculina, ela aparece na figura de Khidr ou do vigoroso ferreiro, profeta e deus solar Los. A musa criança é a figura alegórica da Brincadeira.

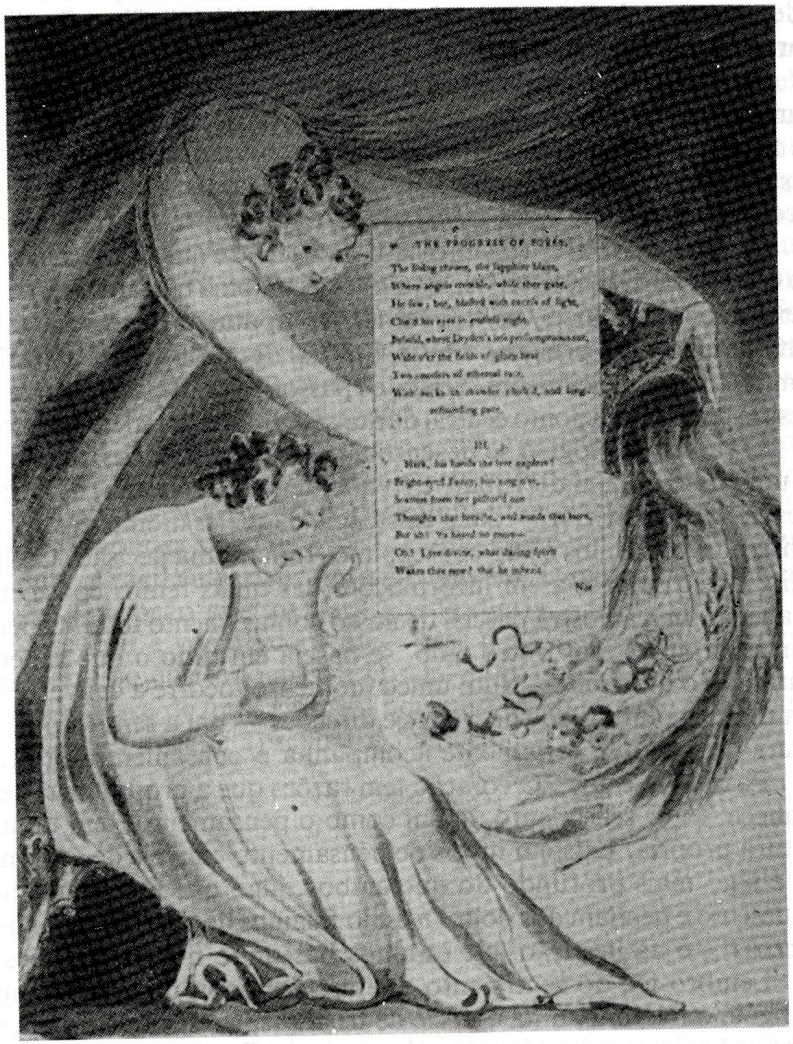
Na aquarela de Blake *Bright-eyed fancy*, uma jovem paira sobre um poeta-músico que está tocando sua lira. Ela derrama sobre ele uma cornucópia cheia de idéias sob a forma de elfos e duendes, que o poeta tenta apanhar antes que eles se evaporem no ar.

Khidr, representado pelos sufis na forma de um homem vestido num manto verde e luminoso, era um guia secreto que sussurrava ao ouvido de Moisés e de outros profetas, um guia que pode aparecer a qualquer um de nós num momento de necessidade, quando nossa língua precise ser libertada. O manto verde não é na verdade uma roupa, mas a vegetação da Terra. Khidr é também conhecido como

"Verdejante", e possui muitas das qualidades que no Ocidente costumamos atribuir tanto à Musa como à Mãe Terra. Masculina ou feminina, a voz da biosfera jorra de dentro de nós, sussurrando urgentes mensagens das profundezas. Khidr é o "ouro verde" que os alquimistas tentavam produzir, a cor da folhagem que brilha à luz do sol. Essa cor é uma fusão da vida terrena e da vida celestial. Não é uma abstração nem um sonho místico, mas a fotossíntese, uma química que se processa diariamente e que nós dá a vida.

Cada imagem da musa reflete uma das infinitas formas que a criatividade pode assumir. Eis uma diferente: imagine como você se sentiria se, em vez de digitar um texto num computador ou escrevê-lo a mão, fosse ditando as palavras a um elefante bebê que segurasse um estilete na tromba. Na Índia existe um deus chamado Ganesha, que é metade menino, metade elefante. Assim como Homero, os antigos poetas da Índia eram analfabetos, mas Ganesha, que sabia ler e escrever, lhes servia de secretário. O imenso poema épico *Mahabbarata* foi ditado pelo poeta Vyasa a Ganesha. O deus aceitou transcrever o poema, treze vezes mais longo que a Bíblia, com a condição de que Vyasa não parasse de improvisar seus versos até que a gigantesca lenda fosse inteiramente contada. Vyasa concordou, sob a condição de que Ganesha escrevesse apenas o que pudesse entender. Se não entendesse alguma coisa, teria que parar e pensar sobre ela até compreendê-la. Costumamos pensar que a Musa seja uma força eterna de inspiração que se manifesta por intermédio do poeta, mas o mito de Ganesha inverte esse relacionamento. Mostra-nos que a inspiração brota diretamente do coração do poeta e não precisa de qualquer explicação, nem prova, nem fonte divina; o que precisa ser explicado é a técnica (da palavra grega *techne*, que significa "arte"). O fenômeno divino não é a inspiração, mas a arte com que a inspiração se realiza.

As musas não vivem apenas no mito ou na lenda, mas também na nossa existência cotidiana. Somos livres para criar nossas próprias musas segundo nossas necessidades. Fundei com alguns amigos um grupo de improvisação de música, dança e teatro que chamamos Congregação. Um dia, estávamos reunidos no estúdio, sentindo completamente bloqueado o trabalho criativo que tínhamos planejado realizar juntos, cada um angustiado com suas próprias frustrações, quando Terry Sendgraff encontrou uma velha bola de tênis rachada num canto da sala. Ela apanhou a bola e a amassou na mão. A rachadura se abria e fechava à medida que ela apertava a bolinha. Uma saliência na parte superior da rachadura pulava para dentro e para fora com um estalo quando a boca se abria e fechava, como se fosse um dente quebrado. De repente nasceu uma personagem: a Desdentada. Enquanto apertava a bolinha, Terry começou a falar na voz aguda e engraçada de uma velha. Desdentada nos pediu que ficássemos calmos, que não nos preocupássemos com o fato de estarmos sem saída no trabalho. Prometeu nos dizer o que fazer — e disse. Recuperou nosso bom astral e então nos ditou uma maravilhosa peça de arte. Terry tinha se dividido em duas: uma era a musa e a outra, sua personalidade normal. A musa, uma entidade maior que sua personalidade, não era a musa pessoal de Terry, mas a musa do grupo. Um de cada vez, fizemos a Desdentada funcionar, mas sua voz, sua personalidade e sua autoridade não mudaram. Ela continuou a falar, com muito mais talento e clareza do que nós, pobres mortais pretenciosos.



Embora a Desdentada logo tenha nos abandonado, podemos considerar este trabalho o primeiro livro de estética e filosofia ditado por uma bola de tênis.

A grande bola verde que é a Terra, ou biosfera, ou Verdejante, é uma grande entidade da qual todos somos parte; e a Musa, ou Khidr, ou Sophia, ou Espírito Sagrado, é a voz do todo que fala por meio das partes. Essa voz fala uma língua que freqüentemente achamos incompreensível, às vezes assustadora, mas sempre impressionante.

A musa é a voz viva da intuição. A intuição é uma soma sináptica, em que todo o sistema nervoso equilibra e combina multivariadas complexidades num único *flash*. É como a computação; mas enquanto a computação é um processo linear, que vai de A a B e a C, a intuição computa concentricamente. Todos os passos e variáveis convergem ao mesmo tempo num ponto central de decisão, que é o momento presente.

O raciocínio lógico se desenrola passo a passo, e as conclusões de um passo podem derrubar, e freqüentemente o fazem, as conclusões do passo anterior — daí a existência daqueles momentos em que pensamos, pensamos e não conseguimos tomar uma decisão. O raciocínio lógico se baseia em informações das quais temos consciência — apenas uma amostra parcial de nosso conhecimento total. O pensamento intuitivo, por outro lado, se baseia em tudo o que sabemos e em tudo o que somos. Num único momento, ocorre a convergência de uma rica pluralidade de fontes e direções — daí a sensação de absoluta certeza que geralmente acompanha o pensamento intuitivo.

Pascal disse que "O coração tem razões que a própria razão desconhece".[10] O sentimento, assim como o pensamento, tem uma estrutura própria. Existem níveis de pensamento e níveis de sentimento, e algo mais profundo do que ambos, algo que é pensamento e sentimento e nenhum dos dois. Quando falamos de "confiar em nossas vísceras", é na intuição que estamos baseando nossas decisões.

Lembro-me do sentimento que me dominou uma vez quando desliguei o telefone, uma espécie de tristeza. Percebi que minha voz interior havia me dito alguma coisa e eu não lhe dera atenção. Lembrei, arrependido, de outras vezes em que tinha ouvido essa voz e a ignorara. A lição mais simples desta vida — e ao mesmo tempo a que nos escapa com maior facilidade — é aprender a ouvir essa voz interior. Tenho aprendido cada vez mais a responder a ela, mas ainda existem momentos em que admito ter perdido uma experiência extraordinária por não ter captado a mensagem a tempo. E quando isso acontece, alguma coisa irrecuperável se perde. Nesses momentos, é vital aprender a se perdoar. Estar alerta talvez signifique estar sempre pronto a responder — algo que ninguém pode conseguir o tempo todo. Mas podemos nos aproximar desse estado; podemos

aprender a ouvir com uma confiança cada vez maior. Domínio significa responsabilidade, capacidade de responder à necessidade do momento. Viver segundo a intuição ou a inspiração não é apenas ouvir passivamente essa voz interior, mas agir de acordo com ela.

A improvisação é a intuição em ação, uma maneira de descobrir a musa e aprender a responder ao seu chamado. Mesmo quando trabalhamos de uma maneira muito estruturada, podemos começar pelo sempre surpreendente processo de livre criação, no qual não temos nada a ganhar nem a perder. O jorro da intuição consiste num rápido e contínuo fluxo de opções, opções, opções. Quando improvisamos com o coração, seguindo esse fluxo, as opções se transformam em imagens, e as imagens em novas opções, com uma tal rapidez que não temos tempo de sentir medo ou arrependimento diante do que a intuição está nos dizendo.

A essência de trazer a arte para a vida reside em aprender a ouvir essa voz interior. O momento em que abro a caixa do violino e retiro dela o instrumento traz para mim uma clara mensagem: "É hora de responder à voz interior". Como este é um momento muito marcante, é fácil entrar em sintonia com ele. O maior desafio é trazer essa percepção poética para a vida diária.

Descobrir a voz do coração — essa é a aventura que este livro propõe. É isso que todo artista busca — uma busca para toda a vida; não a busca de uma visão — porque a visão está em tudo o que nos cerca —, mas de aprender a falar com a nossa própria voz.